



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de assinatura de contratos para implementação do Complexo
Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj)**

Itaboraí-RJ, 08 de março de 2010

Estou fazendo um charme aqui para falar, não é? Depois que vocês gritaram tanto eu estou aqui. Eu estou inibido porque eu estava ouvindo a voz do locutor... Eu vou contar uma coisa para vocês: se eu fosse candidato a alguma coisa eu iria contratá-lo para me apresentar nos comícios, porque... eu vou treinar para ver se eu fico com a voz, assim, boa. Porque todos que falaram aqui, falaram rouco, e a voz do locutor é impecável, vou ver se a minha fica assim também.

Bem, de praxe eu quero começar cumprimentando o companheiro Sérgio Cabral, governador do Rio de Janeiro,

Nosso companheiro Pezão, vice-governador,

A companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Os ministros Edison Lobão; Carlos Lupi, do Meio Ambiente; Marcio Fortes, das Cidades e Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

Quero cumprimentar os deputados federais Alexandre Santos, Chico D'Angelo e Solange Almeida,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Sérgio Alberto Soares, prefeito de Itaboraí, por meio de quem cumprimento todos os prefeitos que estão aqui presentes,

O nosso querido Paulo Roberto Costa, presidente em exercício da Petrobras,

Nossa companheira Maria das Graças Foster, diretora da área de gás e energia da Petrobras,

Nosso companheiro Jorge Sergio Machado, presidente da Transpetro,



Nosso companheiro Jorge Hereda, da Caixa Econômica Federal,
Elvio Lima Gaspar, diretor do BNDES,
Nosso querido Moraes, presidente da FUP,
Companheiros secretários de estado do Sérgio Cabral,
Companheiros secretários das prefeituras,
Companheiros empresários que estão convidados aqui, de muitas
empresas que trabalham no Comperj,
Companheiros trabalhadores,
Companheiros da imprensa,
Companheiras mulheres que hoje comemoram o dia especial das
mulheres,

Eu penso que já foi dito muita coisa pelas pessoas que falaram antes de mim. Mas acho que é importante dizer mais algumas coisas para que haja compreensão do que nós estamos fazendo aqui. Eu sei que tem algumas pessoas que estão perguntando “por que o Lula já visitou pela terceira vez o Comperj, se ainda a obra não está sendo construída, está na fase da terraplanagem?” A primeira coisa que tem que compreender é que eu adotei como filosofia de vida aquela de que “é o olho do dono que engorda os porcos”. Então, eu tenho que estar presente sempre, para saber se as coisas que nós decidimos estão funcionando.

E vocês sabem que, há pouco menos de um mês, se a gente não fica esperto, essa obra estaria parada, a obra da Repar, no Paraná, estaria parada, e a obra da refinaria de Pernambuco estaria parada. A Petrobras teria que ter mandado embora 27 mil trabalhadores, porque se levantou suspeita de sobrepreço em algumas obras. E foi para a comissão do Congresso, a comissão do Congresso colocou no anexo VI, depois nós conversamos com o deputado, houve um lapso de compreensão, os governadores dos estados me mandaram uma carta, a FUP me mandou uma carta, e eu vetei, porque senão



teria que ter mandado embora 27 mil trabalhadores. Bem, agora, vamos fazer toda a investigação que tivermos que fazer, mas o que a gente não pode é fazer uma investigação e ter como contrapartida 27 mil chefes de família no olho da rua, perdendo o emprego e sem salário.

A segunda coisa é que esse Complexo, aqui em Itaboraí, é mais do que um complexo. Na verdade, é a retomada das decisões governamentais de investir, outra vez, em refinaria e no pólo petroquímico neste país. O companheiro Paulo Roberto sabe, a Dilma Rousseff, como presidenta do conselho administrativo da Petrobras, sabe, o ministro Lobão, como ministro de Minas e Energia, sabe que, há cinco anos atrás, se dependesse da vontade da Petrobras, não teria nenhuma refinaria no Brasil. Porque a Petrobras entendia, naquela época, que nós já tínhamos refinaria suficiente. E nós, então, passamos a discutir não a imposição do governo, mas chamamos a direção da Petrobras para a gente discutir a necessidade de a gente fazer mais refinarias no Brasil. Tomamos, como primeira decisão, fazer a refinaria em Pernambuco. Não é porque Pernambuco é o meu estado. Não. É porque havia vários estados que queriam refinaria. O Rio de Janeiro queria mais uma refinaria, o Espírito Santo queria mais uma refinaria, o Ceará queria uma refinaria, o Rio Grande do Norte queria outra refinaria. E eu disse a todos os governadores que iria levar a refinaria quem trouxesse um parceiro para ajudar a construir a refinaria. Tinha muita gente atrás de empresas. Eu lembro que eu até jantei, uma vez, com um príncipe da Arábia Saudita que prometia construir uma refinaria no Ceará. Eu lembro que eu conversei com um empresário da Marubeni que iria também fazer investimento no Rio ou no Espírito Santo. A verdade é que ninguém colocou dinheiro.

Foi Pernambuco que, numa visita de trabalho do presidente Chávez, conseguiu a parceria para a PDVSA se associar à Petrobras. Levamos três anos para construir essa parceria, porque a Petrobras e a PDVSA são duas grandes empresas, e duas moças bonitas no mesmo baile, elas sofrem uma



concorrência natural entre elas, e nós demoramos muito para construir a engenharia do acordo que, graças a Deus, está pronto e está andando.

Agora, depois tomamos uma outra decisão. A Petrobras descobre o pré-sal e nós tínhamos que tomar uma decisão: a gente vai exportar petróleo cru ou a gente vai exportar derivado de petróleo, ou a gente vai exportar coisas com maior valor agregado? E, aí, tomamos a decisão de fazer uma refinaria no Maranhão, de 600 mil barris/dia, para exportar; outra no Ceará, de 300 mil barris/dia; e outra, uma, no Rio Grande do Norte, menor.

Então, na verdade, nós decidimos fazer essas quatro refinarias e a gente recuperar quase todas as refinarias nossas. Não sei se vocês sabem, as nossas refinarias, elas refinavam um produto não de boa qualidade, ou seja, o nosso óleo diesel era muito poluente. E a gente teve que fazer investimentos pesados. Só aqui, no Rio de Janeiro, na Reduc, foram mais de 2 bilhões de reais, de dólares; no Paraná, mais de 2 bilhões; na Replan, mais de 2 bilhões; lá em Mauá, mais de 2 bilhões, para a gente tornar as nossas refinarias modernas e para a gente respirar um ar com melhor qualidade, a partir do momento em que o carro passa a usar o nosso óleo diesel de melhor qualidade, com 50 ppm, e não com 1000, ou 1500, como era hoje.

Então, nós tomamos essa decisão. São bilhões de dólares, de investimentos. Se a gente for medir só o que a gente está fazendo, a gente vai ultrapassar os US\$ 60 bilhões em refinaria neste país.

E isso certamente que incomoda algumas pessoas. Quem é que fica incomodado? Ficam incomodados aqueles que diziam que não era preciso fazer uma refinaria no Brasil; ficam incomodados aqueles que diziam que a gente não tinha condições de construir plataformas no Brasil; ficam incomodados aqueles que diziam que a gente não poderia mais construir navios no Brasil e [que] tinham levado à falência a indústria naval brasileira, que, de 50 mil trabalhadores, estava com apenas 1800 trabalhadores. Então, essa gente realmente fica incomodada. Como é que vem esse governo, com



um metalúrgico, e que eles torceram pelo fracasso, e de repente a gente começa a fazer aquilo que eles deveriam ter feito 30 anos atrás, e o país começa a dar certo?

Aqui tem muitos empresários do setor da construção civil. Muitos deles já tinham até vendido máquinas porque neste país não se contratava mais grandes obras estruturantes. Muitos deles estavam ganhando dinheiro no exterior, porque este país já não fazia mais grandes obras. Os coitados dos estados estavam todos falidos porque criaram uma lei de responsabilidade fiscal e que o Estado viveu, durante muitos anos, apenas para pagar os seus compromissos com o FMI, e não tinha dinheiro para investimento. É só analisar: depois do governo Geisel, não houve mais investimento em infraestrutura neste país. Foram 25 anos que não se gerou emprego. Eu tinha até desaprendido a ver, nas ruas deste país, uma placa na porta de uma fábrica: “Precisa-se de soldador, de mecânico, de torneiro, de fresador, de carpinteiro...” Não tinha mais.

Bem, qual é o milagre que está acontecendo? Não tem milagre. É apenas acreditar neste país. É apenas fazer... Outro dia eu dizia, Sérgio, que o grande problema do Brasil é que as pessoas desaprenderam a fazer o óbvio, de fazer as coisas simples. Por exemplo, quando nós tomamos a decisão de criar o crédito consignado, de colocar mais dinheiro no BNDES, de fomentar o financiamento, pelo Banco do Brasil, pela Caixa Econômica, o que estava na nossa cabeça? Ora, se o Brasil é um país capitalista, de economia capitalista, é inconcebível que em um país de economia capitalista não tenha nem financiamento e nem crédito. E vejam o que aconteceu: em março de 2003, quando nós já estávamos com dois meses de mandato, o Brasil inteiro tinha 381 bilhões de crédito, o Brasil inteiro tinha 381 bilhões de crédito. Hoje, o Brasil tem 1 trilhão, 410 bilhões de crédito. E só o Banco Brasil, só o Banco do Brasil, hoje, tem tudo que o Brasil inteiro tinha em 2003.

Quando veio a crise econômica, muitos países se acovardaram. O que



nós fizemos? Dia 22 de dezembro eu tive coragem de ir para a televisão pedir para o povo consumir: “Se vocês ficarem com medo de consumir, o trabalhador não compra, a empresa não produz, o comércio não vende, aí é o caos total e geral no País”. Disse que a crise iria chegar por último neste país e que ia sair primeiro. Aliás, eu disse mais: que a crise era uma marolinha aqui.

Até hoje os Estados Unidos não resolveram o seu problema. Até hoje a Europa não resolveu o seu problema. Lá, eles perderam foi 7 milhões de trabalhadores, 7 milhões de postos de trabalho. Este ano - o pior ano da crise - nós crescemos aqui, no Brasil, criamos mais de 950 mil postos de trabalho. E este ano, só em janeiro, já criamos 181 mil novos postos de trabalho.

A indústria automobilística brasileira acaba de anunciar mais um recorde de venda de carro no Brasil. E tem gente que fica incomodada: “Está vendendo muito carro, as ruas estão lotadas”. Mas ainda não é o pobre que tem carro – e eu quero que o pobre tenha carro também. Então, que nós, prefeitos e governadores, façamos mais ruas. Nós temos que fazer metrô, nós temos que fazer trem, mas parem com essa ilusão de achar que fazendo metrô vai tirar o apetite de um pobre ter um carro. Vai... Não pense, não pense. Porque aqueles que acham que um pobre vai deixar de usar o carro são aqueles que usam o carro. O que eles querem é que o pobre deixe a rua livre para eles. Não! Nós queremos ter o direito, nem que for, nem que for para chegar no sábado, colocar o carro na porta de casa e ficar a família inteira lavando a calota do carro, passando água no carro. Mas nós não abrimos mão de ter direito.

Pois bem, então as coisas no Brasil começaram a dar certo porque a gente não inventou absolutamente nada. A gente fez apenas aquilo que era preciso fazer. Ora, quando nós começamos a discutir a questão do pré-sal... Por que vocês acham que a Petrobras achou o pré-sal, se os diretores eram os mesmos, praticamente, do outro governo? São engenheiros de 30 anos da Petrobras, são geólogos de 30 anos da Petrobras. Eu não inventei nenhum geólogo, não tem nenhum geólogo na direção da Petrobras que foi formado no



meu governo. Eles já têm 30 anos de formatura. Por que eles acharam o pré-sal? Porque nós aumentamos em cinco vezes os investimentos em pesquisa na Petrobras, e aí eles começaram a achar petróleo.

Três anos atrás, nós tivemos uma crise profunda de gás aqui no Brasil. Todo mundo lembra da briga do Evo Morales comigo, que o Evo Morales queria brigar e tinha uma turma que queria que eu brigasse com o Evo Morales... tinha uma turma que queria que eu brigasse com o Evo Morales e eu dizia: não vou brigar. Não vou brigar porque não é correto que o presidente do Brasil, que é um país grande e rico, brigue com o presidente da Bolívia, que é um país menor e mais pobre. Depois, não vou brigar porque o gás é da Bolívia, então os bolivianos são os donos do gás. Terceiro, não vou brigar porque não posso conceber na minha cabeça um metalúrgico de São Bernardo brigando com um índio boliviano, não via essa possibilidade. Ou seja, preferimos utilizar a tática de negociação, e hoje nós estamos bem na nossa relação. Mas o que é importante é que naquele tempo, na reunião, eu convoquei uma reunião do Conselho Nacional de Política Energética e eu disse o seguinte: “Eu não quero mais ficar dependente da Bolívia. Se virem, porque eu não quero ficar dependente nem da Bolívia, nem dos Estados Unidos, nem da França, de ninguém. O Brasil tem que ser autossuficiente na questão do gás”. E criamos o Plangás, criamos o Plangás. Ainda não temos tudo o que queremos, mas já temos muito, mas muito mais do que a gente tinha. Já estamos quase esnobando de não querer comprar todo o gás da Bolívia, e temos que comprar porque nós temos contrato e temos que honrar esse contrato que nós temos com a Bolívia, porque, para nós, não adianta o Brasil crescer sozinho. É preciso o Brasil crescer, a Bolívia crescer, o Paraguai crescer, o Uruguai crescer, a Argentina crescer, porque nós queremos todos crescermos juntos e não apenas um e o resto ficar pobre e miserável ali do lado. Nós queremos distribuir as oportunidades com todos os outros.

Pois bem, nós já estamos chegando lá, na área de gás. E, se Deus



quiser, vamos chegar mais. Em apenas três anos, em apenas três anos. Eu lembro, em reunião com a Petrobras, que eles diziam: “É impossível, é impossível, é impossível”. Não há a possibilidade de um ser humano ou de um país vencer se a gente não perseverar, se a gente não acreditar e se a gente não lutar.

Eu lembro que eu era candidato quando diziam, escreviam e iam para a televisão dizer: “Esse Lula está blefando falando o que não sabe, porque nós não temos condições de fazer plataforma”. Hoje, todas essas plataformas têm, pelo menos 65% a 70% de componente nacional, numa demonstração de que nós estamos gerando empregos aqui.

Pois bem, esse polo petroquímico, as prefeituras da região vão ganhar muito, porque vai gerar muitos empregos, os empregos geram poder de consumo, os empregos geram distribuição de (falha na gravação), vai ter mais escolas, vai ter mais gente capacitada, vai ter mais tratamento de água, vai ter mais coleta de esgoto e tratamento de esgoto, vai ter mais estradas. Todo mundo sabe que vai melhorar a questão ambiental, porque já foi assumido aqui o compromisso: serão 6 milhões de árvores plantadas pela Petrobras, jogar zero de lixo na Baía da Guanabara. Nós queremos provar ao mundo que os gringos, ao (falha na gravação) que aprendam com o nosso país, que aprendam conosco.

Então, companheiro Sérgio Cabral, eu ainda virei mais vezes aqui. Para a desgraça dos meus opositores e para a desgraça daqueles que acham que eu deveria ficar sentado em Brasília, recebendo eles, eu vou continuar andando por este país. Vou continuar viajando, visitando obra, discutindo, discutindo com cada ministro, discutindo com as empresas do Governo para a gente fazer mais investimento, fazer mais coisa, porque o Brasil não pode parar.

Uma coisa que eu vou dizer para vocês de coração: este país aprendeu a gostar de si próprio. Houve um tempo em que nós éramos tratados como se



fôssemos lixo, como se fôssemos vira-latas. Eu ainda vi esses dias o que é a subserviência, quando veio a Hillary Clinton aí. Ah, vocês não imaginam. Eu acompanhei a vinda dela por aí, eu vi alguns setores da imprensa dando tratamento para ela como se eles não fossem ninguém. É engraçado, é engraçado porque a imprensa queria saber: “O senhor vai tratar de tal assunto com a Hillary Clinton?”. Eu disse: não, quem vai tratar com ela é o ministro Celso Amorim. Eu vou recebê-la em uma deferência, porque o Celso Amorim pediu para eu recebê-la, mas a conversa é de ministro para ministro. Quando for o Obama, aí eu converso com ele e faço um acordo com ele. Sem nenhuma falta de respeito, apenas por uma questão de hierarquia, de tornar as coisas mais ou menos equânimes. Olha, depois falam que eu sou analfabeto, falei “equânime”. Chique.

Bem, então eu lembro que, quando eu tomei posse, um tal de Zoellick, que hoje é presidente do Banco Mundial, era um sub do sub, resolveu dar palpite sobre o Brasil. Porque era assim, qualquer pessoa se achava no direito de dar palpite sobre o Brasil. E o que é mais grave é que as autoridades brasileiras baixavam a cabeça.

Olhe, eu disse já, muitas vezes, que o maior legado que eu vou levar no caixão é o direito de andar de cabeça erguida. Eu aprendi isso não na universidade, aprendi dentro de casa com uma mãe analfabeta: “Filho, não baixe nunca a cabeça. Levante a cabeça, porque você só conhece um ser humano se você estiver olhando nos olhos dele. Ali você vai sentir se ele está falando a verdade ou se ele está mentindo”. E eu aprendi a andar de cabeça erguida. Eu não quero que ninguém baixe a cabeça para mim, mas também não vou baixar a cabeça para ninguém.

Há uma diferença... há uma diferença, viu Sérgio, entre o que o Obama disse e a realidade. O Obama disse: “Ô Lula, você é o cara!” Se o Obama conhecesse o Brasil, e eu espero que ele venha este ano ainda, ele vai perceber o seguinte: ele se equivocou. Porque eu não sou o cara, eu sou o



Presidente da República que governa um país de 190 milhões de “caras” – homens e mulheres que sabem o que querem, que gostam deste país.

Pois bem, companheiros. Nós, agora, somos o país da Copa do Mundo em 2014. Ela não veio de graça, foi muito trabalho. Nós somos o país das Olimpíadas de 2016, que não foi pouco trabalho. Se não fosse o trabalho insano do Governador do estado, do Prefeito e do governo federal, junto com o Ministro do Esporte, a gente não teria as Olimpíadas aqui. Porque nós ganhamos, nada mais, nada menos, de Chicago, de Madri e de Tóquio. Onde que a gente imaginava o Brasil vencer? Vamos ser francos. Quantas pessoas, no dia da disputa, falavam: “Coitadinho, coitadinho. O Brasil disputando com esses monstros sagrados da economia mundial”. E tinha uma diferença básica: eles queriam apenas mais uma Olimpíada, e nós queríamos a autoafirmação do nosso país, nós queríamos um reconhecimento do orgulho próprio deste país. E, aí, aqui, dentro do Brasil, alguns diziam: “Imagina, o Brasil querer fazer Olimpíada. Precisa cuidar do analfabetismo, precisa cuidar de escola”. Essas pessoas que levantam todo santo dia dizendo: “Ah, eu não vou sair porque vai chover, eu não vou sair porque vai fazer sol, eu não vou sair porque não sei das quantas”. Ou seja, aquelas pessoas que não conseguem pensar um milímetro de forma positiva.

Eu estou muito à vontade, o Sérgio, porque eu nunca ganhei nada de graça. Nada. Não me aconteceu nada na minha vida que fosse de graça. Cada vírgula que nós conquistamos é à custa de muito trabalho. O orgulho que nós conquistamos para este país foi à custa de muito trabalho. Para a gente ganhar as Olimpíadas, houve dezenas de viagens, houve dezenas de conversas, houve centenas de cartas, houve... Só em um dia, nós recebemos 32 delegados lá, 32 delegados. O Sérgio se lembra de um, que eu não vou dizer de onde é, que entrou todo arrogante na sala, já falando mal do Brasil: “Sabe, Presidente, por que o Brasil não vai ganhar? Porque o Brasil tem isso e aquilo”. O cara nem me ouviu. O cara, acho que nunca tinha ido no Brasil. Aí ele falou,



falou, falou – era um italiano. Quando ele terminou de falar, eu falei: “companheiro, deixa eu dizer uma coisa: se tem alguém que tem obrigação moral de votar no Brasil são vocês, porque no meu país tem 30 milhões de italianos e descendentes de italianos e que, portanto, vocês têm que votar. Ou seja, vai ser a oportunidade de vocês garantirem que os italianos assistam as Olimpíadas é vocês votarem no Brasil”. Mas o cara entrou na sala, nem falou bom dia, já foi dizendo que o Brasil tinha tal defeito, tal defeito, tal defeito. Era assim que eles tratavam o Brasil, era assim.

Um dia desses, Sérgio, eu viajei com um embaixador e ele me dizia: “Presidente, eu não posso contar como é que a gente era tratado no FMI, quando a gente ia fazer negociação. Eu não posso contar em um livro, porque é uma vergonha para este país, como é que o FMI tratava o Brasil”. Vocês estão lembrados, aquela tal de Ana não sei das quantas, que descia no aeroporto aqui, no Rio de Janeiro, já dizendo: “Precisa fazer isso, não pode fazer aquilo, tem que fazer isso”. Ou seja, como se nós fôssemos um bando de incompetentes. O que nós fizemos? Não queremos dever ao FMI. Agora são eles que devem US\$ 14 bilhões para nós.

Então, essa mudança só foi possível por causa de vocês. Porque um dia este povo acordou, resolveu levantar a cabeça e acreditar em si próprio, porque senão a gente não constrói uma nação. A gente não [só] constrói uma nação com orgulho, que ama a sua bandeira, que discute democraticamente os erros do seu governo, mas que está disposta a defender, com unhas e dentes, a sua soberania.

E esse Comperj, esse Comperj é o sinônimo de um pedaço da soberania que este país vai construir, porque uma indústria petroquímica não é pouca coisa no desenvolvimento de uma nação. E nós queremos deixar de ser importadores para exportar produtos de segunda, terceira, quarta, e que venha quantas gerações vier, que a gente vai acompanhar o desenvolvimento científico e tecnológico, para que o Brasil seja, definitivamente, livre e



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

soberano.

Um abraço e até a minha volta ao Comperj, se Deus quiser.

(\$211A)